

Índice

1. Introdução	Pág. 2
2. Contextualização da Intervenção	Pág. 4
2.1.Caraterização do Meio Envolvente	Pág. 4
2.2.Caraterização da Instituição	Pág. 5
2.3.Caraterização da Sala	Pág. 6
2.4.Caraterização do Grupo	Pág. 9
3. Perspetivas educacionais e objetivos	Pág. 10
4. Intervenção	Pág. 11
4.1.Problemática e Área de Intervenção	Pág. 11
4.2. Enquadramento Teórico da Problemática e Área de Intervenção	Pág. 11
4.3. Prática Desenvolvida	Pág. 12
4.4. Atividades mais significativas em contexto de estágio	Pág. 13
5. Resultados, Avaliação e Reflexão.....	Pág. 18
5.1.Resultados alcançados	Pág. 18
5.2.Avaliação Diagnóstica e Final	Pág. 19
5.3.Validação dos resultados	Pág. 19
5.4. Reflexão	Pág. 21
6. Conclusão	Pág. 23
Referências bibliográficas	
Anexos	

1. INTRODUÇÃO

A elaboração deste relatório teve como finalidade apresentar o trabalho desenvolvido ao longo de oito meses de prática pedagógica, no âmbito do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré- Escolar. É de realçar que a experiência adquirida nos estágios anteriores (do 2.º e 3.º anos da Licenciatura em Educação Básica) e os conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura conferiram também competências que se consideraram fundamentais para o desempenho da profissão docente.

Ao longo do ano letivo 2013/2014, teve-se a possibilidade de observar e intervir num contexto educativo de modo mais intenso e continuado, o que proporcionou um desenvolvimento e uma aplicação dos vários saberes e procedimentos científicos, pedagógicos e técnicos que o ato educativo exige. Por sua vez, a intervenção diária que foi possível e implicou a realização planificações diárias, a sua implementação bem como avaliação, o que favoreceu a capacidade crítica e reflexiva essencial no desempenho da docência.

As perspetivas em relação ao estágio, no início do mesmo, não eram muito otimistas. Contudo apostou-se numa postura reta, firme e coerente desde cedo e até ao fim. Logo de início, com as primeiras observações sobre das crianças despertou o desejo de realizar um trabalho interventivo na Área da Formação Pessoal e Social, visto que era um grupo que parecia manifestar poucas regras de boa socialização. Numa segunda fase, graças às observações naturalistas realizadas no início, confirmaram-se as primeiras impressões obtidas no estágio. Falou-se com a educadora e fez-se uma pesquisa acerca dos conteúdos a serem abordados ao longo da prática pedagógica. Após essa pesquisa, delinear-se objetivos a atingir com a implementação do trabalho que se gostaria de realizar com aquele grupo de crianças.

Posteriormente, começou-se a intervir no sentido de melhorar aspetos como a entreajuda, a cooperação e o espírito de partilha. Os resultados conseguidos foram os ambicionados e excederam as expectativas, tal como se poderá verificar mais à frente com gráficos apresentados neste Relatório.

Este Relatório Final divide-se em quatro partes, sendo que a primeira refere-se à instituição e à contextualização da intervenção, a segunda apresenta as perspetivas teóricas que foi trabalhado ao longo da intervenção, a terceira parte concerne ao

Relatório Final da Prática Supervisionada

desenvolver da intervenção tendo em conta autores e teorias que confirmam o que se trabalhou e, por último, a avaliação da intervenção. Todas as atividades promovidas tiveram o intuito de ser transversais a todas as áreas curriculares, conferindo mais impacto à Formação Pessoal e Social.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

2.1 Caracterização do Meio Envolverte

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer breves informações relativamente ao contexto em que se inseria o Jardim-de-Infância (JI), tendo como objetivo conhecê-lo de forma mais aprofundada para melhor fundamentar a intervenção.

É do conhecimento geral que as crianças são bastante influenciadas pelo contexto social em que vivem: “cada criança (...) é influenciada pelo meio em que vive, cabendo à escola partir dos interesses e saberes de cada criança para os ampliar e diversificar despertando novos interesses e fomentando a curiosidade e desejo de aprender” (OCEPE,1997, p.100).

Esta caracterização foi feita com a ajuda das observações de método de investigação, através de inquéritos e material de Cardona (2007, ver Anexo 1).

O JI estava e está situado numa das maiores freguesias de Lisboa, Carnide, sendo uma freguesia que dispõe de vários serviços à comunidade.

Todos os serviços são de rápido e fácil acesso a partir do JI, podendo o percurso fazer-se a pé. Por sua vez, na zona envolvente ao Jardim-de-Infância existe:

- Farmácia;
- Centro de Recursos Multicultural;
- Mercado;
- Escola do 1.º Ciclo;
- Junta de Freguesia.

O JI está inserido num bairro social e, segundo o *site* da junta de freguesia, está envolvido numa

Zona rural que foi envolvida, nos últimos anos, no próprio processo de crescimento urbano da capital, de forma acelerada e nem sempre uniforme e corretamente programada. É por isso uma freguesia de contrastes, entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, o urbano e o rural.

A nível habitacional, podia-se encontrar no bairro envolvente ao JI várias casas térreas com características dos anos 50, isto é, casa baixas com fracas condições de habitabilidade. Existiam também vários prédios considerados de realojamento social construídos na década de 90.

Relatório Final da Prática Supervisionada

A população do bairro é na sua maioria de nacionalidade portuguesa. No entanto, existem alguns estrangeiros provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e oriundos dos países do Leste Europeu.

No que diz respeito à rede de transportes públicos, o bairro tem ao seu dispor autocarros da Carris e conta com duas estações de Metro.

Após uma breve caracterização deste bairro, é de salientar a importância que este podia ter em relação à prática pedagógica. Pode-se concluir que as crianças podiam interagir com o meio, graças à vasta oferta de serviços disponibilizados pelo bairro. Para além disso, nas OCEPE (1997) está explícito que, quer as crianças, quer as famílias e o bairro, bem como a comunidade poderão transformar-se em instrumentos pedagógicos de uma aprendizagem ativa.

Segundo as OCEPE (1997, p. 33), o facto de se compreender a realidade envolvente, “permite adequar, de forma dinâmica, o contexto educativo, institucional às características e necessidades das crianças e adultos”.

2.2 Caracterização da Instituição

Se se consultar as OCEPE (1997), constata-se que o ensino pré-escolar deve ser construído como um ambiente promotor do desenvolvimento, bem como das aprendizagens das crianças.

Neste sentido, realizou-se esta caracterização sendo apoiada em observações diretas, recolhendo informações junto da educadora, bem como no *site* do JI.

O JI, que fazia parte do Agrupamento de Escolas do Bairro Padre Cruz, estava situado, como o próprio nome indica, no Bairro Padre Cruz, um bairro social pertencente à freguesia de Carnide.

A instituição tinha capacidade para cerca de 150 crianças entre os 3 e os 6 anos, existindo, por isso, seis salas amplas, muito arejadas e com bastante luz, uma vez que cada sala tem entre três a quatro janelas com vista para o recreio e uma porta de acesso para o mesmo.

Quanto ao espaço exterior, podia observar-se uma pequena horta criada pelas crianças do JI. Possuía também um espaço coberto por um telheiro para os dias chuvosos, um jardim relvado, estruturas lúdicas fixas (escorregas e baloiços).

Relatório Final da Prática Supervisionada

No que diz respeito aos trabalhadores do JI, contavam-se sete educadoras de infância, sendo que uma se encontrava sem componente letiva, e quatro assistentes operacionais. As refeições eram asseguradas pela Câmara Municipal de Lisboa, estando a sua distribuição a cargo de uma empresa.

A instituição contava ainda com o apoio do AAAF (Atividades de Acompanhamento e Apoio à Família) que apoiavam o JI durante o acolhimento das crianças e o prolongamento promovendo atividades lúdicas no horário não letivo, bem como nas férias e ao longo de todo o ano.

2.3 Caracterização da Sala

A sala 1 do JI era uma sala espaçosa, arejada e com muita luminosidade. À entrada existia um corredor com dois placards onde eram expostos trabalhos elaborados pelo grupo, tinha um banco sueco encostado à parede e por cima existiam cerca de vinte cabides devidamente identificados (um por criança) onde cada um colocava o seu casaco de manhã. Do lado esquerdo à porta de entrada para a sala (no corredor pertencente à sala) existia também um placard para informações do ATL.

Na sala encontravam-se três mesas, sendo uma quadrada, outra retangular e outra redonda, vinte e nove cadeiras e uma mesa pequena quadrada que servia de apoio à área da biblioteca. Existiam também quadro de presenças e mapa do tempo, onde diariamente, cada criança marcava a sua presença e o “chefe do dia” fazia a marcação do tempo “todos estes instrumentos são facilitadores da organização democrática e ajudam as crianças a integrar as suas próprias experiências no grupo” (Folque, 2006, p.9).

No que respeita às Áreas/Cantinhos, indicados na Tabela 1:

Tabela 1. Áreas existentes na sala 1 do JI

Áreas/Cantinhos	Nº de Elementos
Cavalete de pintura	2
Garagem	3
Casinha das Bonecas	4
Biblioteca	2

Relatório Final da Prática Supervisionada

Jogos de Mesa	4
Jogos de Chão	4
Computador	2

Estas áreas são importantes que existam numa sala de pré-escolar, uma vez que promovem a capacidade de iniciativa, bem como a socialização.

Como refere Oliveira-Formosinho (2007, p. 66):

Esta organização da sala por áreas, além de ser uma necessidade indispensável para a vida em grupo, contém mensagens pedagógicas quotidianas. Assim tome-se como exemplo uma sala de atividades organizada em: a área da casa, a área da expressão plástica, a área das construções, a área do consultório médico e a área da biblioteca e da escrita. Esta sala permite à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade.

Estas áreas têm como objetivo promover a ação das crianças através de explorações e manipulações de objetos promovendo um aumento da iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças (Hohmann & Weikart, 2009).

Podia encontrar-se na sala ecopontos e um caixote para lixo comum, uma bancada com dois lavatórios, um biombo a dividir a sala 1 da sala 2. Encontravam-se ainda dois placards, a fim de se exporem trabalhos realizados pelas crianças, um armário de arrumação, um móvel para materiais do grupo e para o grupo.

Quanto às instalações sanitárias, a sala 1 tinha o privilégio de poder contar com um WC dentro da sala para uso das crianças.

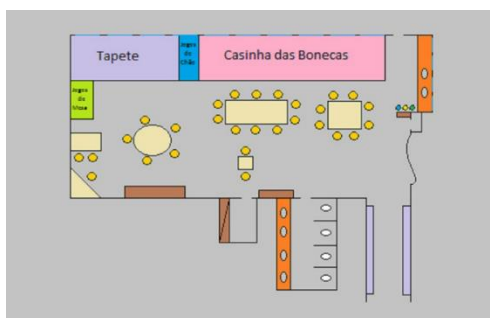


Figura 1. Planta da Sala

Relatório Final da Prática Supervisionada

No que concerne à rotina, segundo as minhas observações diárias registadas durante o período de estágio de observação, era organizada como se pode ver na Tabela 2.:

Tabela 2. Horário letivo do dia

HORA	ROTINA
9h	Acolhimento
9h10 – 9h45	Tapete (marcação de presenças, do tempo, contagens das crianças que estão presentes e das que faltam)
9h45 – 10h30	Atividade Orientada
10h30 -10h50	Brincadeiras livres pelas várias áreas da sala
10h50 – 11h	Higiene
11h – 11h15	Reforço da manhã
11h15 – 11h50	Recreio
11h50 – 12h	Higiene
12h – 12h50	Almoço
13h15 – 14h	Hora do Conto
14h – 14h45	Atividades
14h45 – 15h	Lanche e saída

Como afirma Oliveira-Formosinho (2007, p. 69) “criar uma rotina diária é basicamente isto: fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas e de interações positivas”.

Na sala 1 podia contar-se com a presença da educadora e da auxiliar que, no início do ano, era rotativa durante a semana entre as outras salas, mas a meio do segundo período, ficou permanentemente na sala.

2.4 Caracterização do Grupo

Para um melhor desempenho do educador para com o grupo é necessário conhecer cada criança, quer individualmente, quer em grupo. É, por isso, preciso fazer uma observação atenta ao grupo com que se vai trabalhar/interagir para que os resultados finais se aproximem daquilo que mais se deseja.

O grupo com que se trabalhou no Jardim-de-Infância era constituído por vinte crianças, sendo que onze do género feminino e nove do género masculino, tendo entre os três e os cinco anos, no início do ano, e quatro e seis anos no final de junho de 2014, concluindo-se assim, que estávamos perante um grupo heterógeno, existindo ainda duas crianças com NEE (Necessidades Educativas Especiais).

Era um grupo desfavorecido não só economicamente, mas também afetivamente e educacionalmente, pois era notória, através de observações, a falta de afetos e regras por parte de cada elemento constituinte do grupo. A nível económico foi passível de observar pela quase inexistência de brinquedos trazidos de casa ou a fraca qualidade dos mesmos, ou seja, estavam velhos e estragados, já na hora de almoço não havia desperdício de alimentos, isto é, não sobrava nada, as crianças comiam tudo o que era posto à sua disposição.

3. PERSPETIVAS EDUCACIONAIS

Na fase da prática pedagógica consagrada à observação, e através de diversos procedimentos (observações naturalistas, *checklists*, reflexões) compilaram-se informações que se consideravam importantes sobre o meio, a instituição, a sala, bem como o grupo, tendo em vista a contextualização da prática educativa a desenvolver. Posteriormente, houve outras oportunidades de refletir sobre comportamentos observados durante as interações com o grupo.

Através das caracterizações do grupo e individuais das crianças, foi possível constatar que o grupo da sala 1 tinha carências do foro afetivo, havia uma ausência de respeito pelas regras estabelecidas, não havia espírito de partilha ou cooperação e existia violência verbal e física. No entanto, era um grupo interessado pelas atividades propostas, embora levasse mais tempo a concentrar-se para iniciar a tarefa, e que gostava de comunicar com os adultos. Assim, chegou-se à conclusão que seria interessante trabalhar com o grupo um tema que abordasse o espírito de partilha, a amizade e interajuda.

Na perspetiva de Boivin (2011), entre os três e os cinco anos há um aumento significativo de comportamentos pró-sociais e de brincadeiras de faz-de-conta, tal como uma redução de comportamentos agressivos, refletindo a maior capacidade das crianças de adotar a perspetiva do parceiro de brincadeira.

Concluiu-se, assim, que seria também importante inculcar às crianças que há pessoas diferentes de nós e que merecem o nosso respeito e, como tal, a ideia seria proporcionar ao grupo conceitos novos e sobretudo dar-lhes a ideia de que somos “todos diferentes, mas todos iguais”, visto que naquele meio era “urgente acolher, compreender, dialogar e conviver de igual para igual” (Feytor-Pinto, 1996, p. 15).

Como refere a Direção Geral da Educação (consultado em 2014):

A educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros (...)

4. INTERVENÇÃO

4.1 Problemática

Considerou-se que este grupo estava numa etapa em que a violência e a ausência de partilha eram pontos fortes, porque durante o momento dedicado à observação, constatou-se que havia algumas crianças que tiravam quer materiais quer brinquedos aos outros, ou seja, a partilha era difícil de se visualizar. Por sua vez, a violência na hora de brincar, o que, segundo Papalia (2001, p. 376) “as crianças dos 2 anos e meio até aos 5 recorrem habitualmente à luta pelos brinquedos e a fim de controlarem o espaço.” Porém, observou-se uma agressão hostil, em que, segundo a mesma autora (2001, p. 376) “cuja intenção é magoar outra pessoa” que por norma, tende a aumentar no período pré-escolar.

Os principais objetivos do tema era o respeito pelo outro e o espírito de partilha, a cooperação e a ajuda. Para uma boa vivência em sala de aula e em comunidade, a criança deve respeitar-se primeiro a si e depois aprender a respeitar os outros. Segundo Gottman, citado por Formosinho (1996, p. 13) a criança amada tende a ter uma maior capacidade para comunicar. Subentende-se e como afirma Formosinho (1996, p. 19) que “muitas crianças também aprendem estratégias sociais ao observarem as interações de outros”, adotando estilos de interação que observam nas suas famílias.

Como já foi referido nas caracterizações, havia diversidade cultural na sala e, como é de conhecimento geral, cada cultura defende um padrão comportamental que varia de cultura para cultura, tal com é referido por Ratner & Stettner, citado por Formosinho (1996, p.21): “as normas culturais são, de facto, instruções que regulamentam os comportamentos expressivos esperados em circunstâncias específicas e que são necessárias, quando se cresce numa determinada cultura”.

4.2 Enquadramento Teórico

Cabe ao adulto promover atividades que envolvam o grupo no sentido de lhe inculcar regras, sendo que não se pode fazê-lo de forma teórica, mas sim na prática, no dia-a-dia. Segundo Katz, McClellan (1991), citado por Formosinho (1996, p. 81) no pré-escolar, “a aprendizagem de capacidades de interação e de competências sociais não se faz através de aulas teóricas” assim, deverá fazer-se “em contexto natural de atendimento à educação de infância, integrada nas atividades”.

Relatório Final da Prática Supervisionada

É ainda importante salientar que a Lei de Bases do Sistema Educativo, citada por Marques (1990, p. 26) defende o “respeito pelos outros, a abertura ao diálogo, a defesa da livre troca de opiniões, o espírito crítico, a responsabilidade, a autonomia e a solidariedade”. Para que houvesse partilha e cooperação era necessário haver respeito que se traduziria, segundo Isaacs (2003, p. 163) na orientação “para as ações concretas, de acordo com os fatores implícitos em cada uma das relações humanas”.

Assim, e após algum estudo e reflexão sobre a problemática, promoveram-se atividades estratégicas para se conseguir alcançar os objetivos definidos.

4.3 Prática Desenvolvida

Ao longo de toda a prática, foram promovidas atividades que ajudassem a desenvolver o espírito de partilha, cooperação, respeito e amizade. É possível de observar na imagem a baixo, que se conseguiu trabalhar quase todas as áreas, à exceção das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). Contudo, apesar de a área de maior interesse a trabalhar fosse a de Formação Pessoal e Social, conseguiu-se trabalhar transversalmente todas as áreas curriculares.

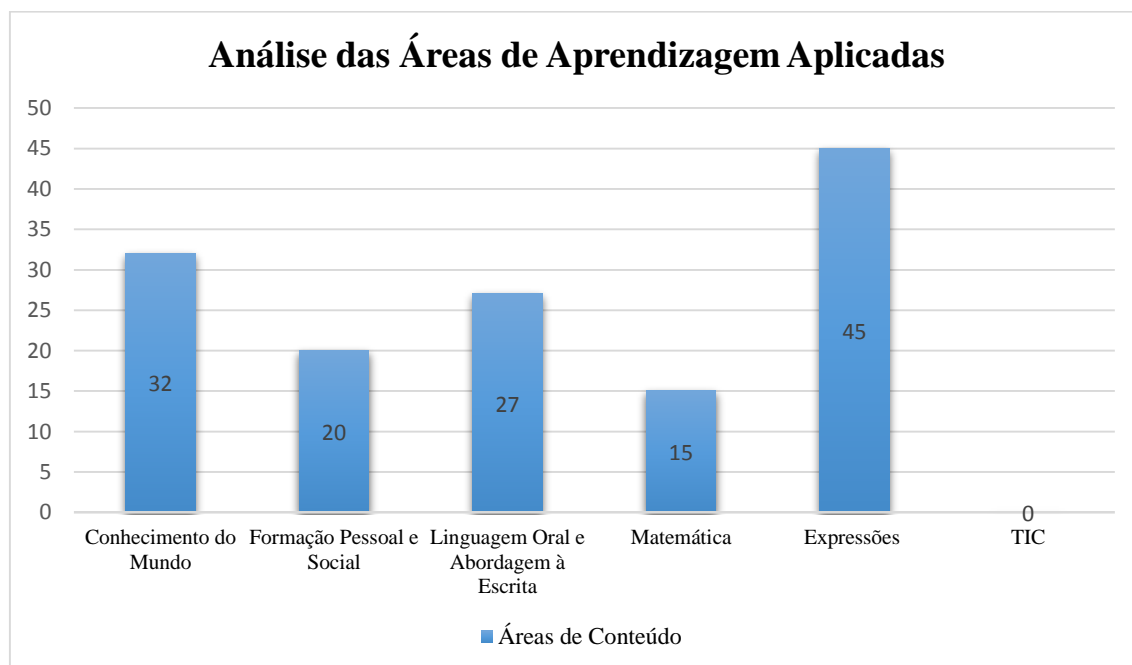


Figura 2. Análise das Áreas de Aprendizagem Aplicadas durante a Prática Pedagógica

É certo que se deu mais ênfase à área das expressões, pois é a área que melhor promove o espírito de partilha, respeito e cooperação, bem como a interajuda.

Relatório Final da Prática Supervisionada

Apesar de se ter elaborado um PCA (Plano Curricular Anual, ver Anexo 3) no início da prática, nem todas as atividades previstas foram cumpridas, pois tinha de haver articulação com o programa da educadora e da instituição e, claramente, tinha que se adaptar o programa à problemática, indo de encontro ao que era pretendido quer pela estagiária, quer pela educadora, quer pela instituição.

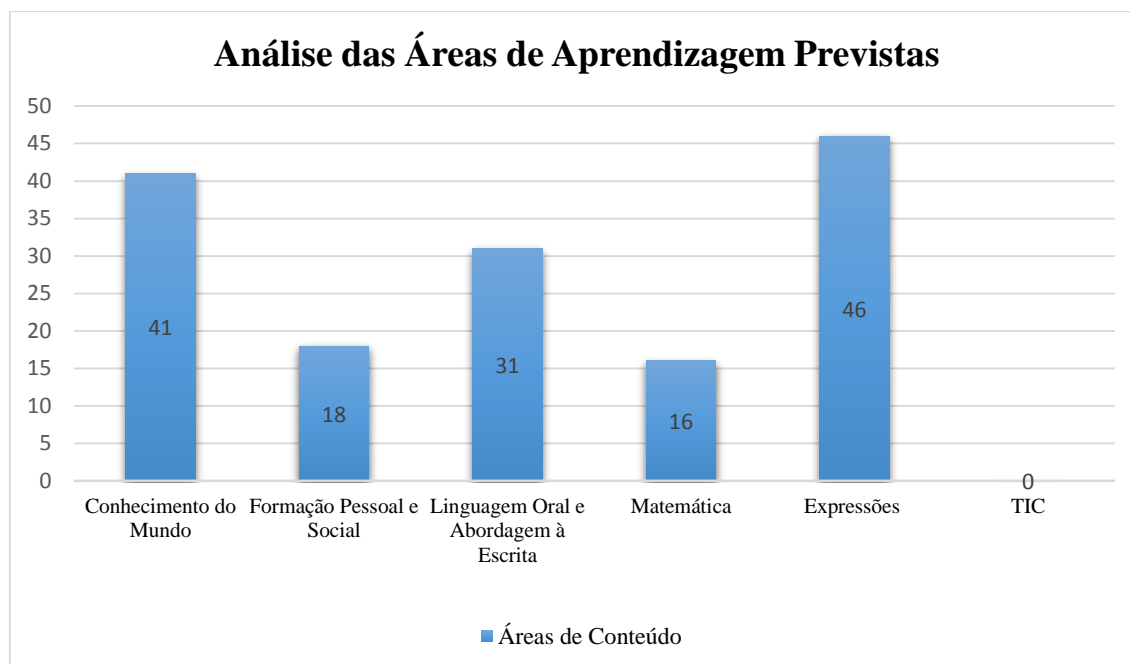


Figura 3. Análise das Áreas de Aprendizagem Previstas para implementar na Prática Pedagógica

Na figura 3, pode-se constatar que, de facto, as TIC nunca foram previstas e daí nunca se terem realizado. Por sua vez, as Áreas da Formação Pessoal e Social, Matemática e Expressões tiveram um aumento apenas de uma ou duas atividades, por isso, pode-se afirmar que foram realizadas tantas quanto previstas. Já a Área do Conhecimento do Mundo e a Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita tiveram um número expressivamente maior atividades previstas do que realizadas, talvez devido ao ajustamento de atividades no próprio dia ou falta de tempo letivo para as realizar.

4.4 Atividades mais significativas

Ao longo de toda a prática pedagógica, realizaram-se diversas atividades, sendo que algumas criaram mais impacto do que outras. Todas elas contribuíram para o crescimento

do grupo, é possível de se afirmar graças à avaliação que se fez no fim de cada período. Assim, apresenta-se algumas das atividades mais significativas:

- Elaboração do Presépio

Esta foi uma atividade realizada durante a época natalícia que consistiu em desenvolver uma figura do presépio para o JI (Anexo 4). Este projeto foi implementado pelas seis salas, sendo que cada uma ficou responsável pela elaboração de uma figura do presépio.

Para além de o grupo de crianças trabalhar em sala de aula, promovendo o espírito de entreajuda, partilha e espírito crítico, esta atividade permitiu também o trabalho com e para a instituição.

É de salientar que se trabalhou a Área da Matemática, uma vez que a figura do S. José tinha de ter uma medida exata e trabalhou-se a noção de espaço; a Expressão Plástica, pois envolveu a colagem, a criatividade, o recorte, a imaginação; e, obviamente, a Área da Formação Pessoal e Social, pois desenvolveu-se um trabalho de equipa onde era importante trabalhar o respeito, a entreajuda, a partilha de ideias e materiais.



Figura 4. S. José em construção



Figura 5. S. José terminado



Figura 6. S. José no Presépio

- Correio da Amizade

Este projeto foi desenvolvido pelas seis salas de forma independente, isto é, apesar de ter sido para a mesma finalidade, não houve interação entre as salas com a caixa de correio. A caixa de correio, posteriormente designada de “Correio da Amizade” foi criada com o intuito de trocar cartas entre as crianças da sala na semana da amizade.

Cada criança fez um desenho para um amigo escolhido à sorte através de papéis com os nomes de todas as crianças e cada um tirou um papelinho. Em seguida, cada criança fez o desenho para o amigo secreto e, posteriormente, escreveu uma mensagem com a ajuda do adulto e, com a ajuda do mesmo, fez um envelope onde colocou a carta e endereçou ao “amigo secreto”. Estas cartas só foram entregues no dia dos amigos (14 de fevereiro).

O “Correio da Amizade” serviu ainda para colocar cartas para o dia do pai (Anexo 5). O processo foi exatamente o mesmo, no entanto na carta teriam de dizer a razão pela qual gostavam dos seus pais. Estas foram entregues na tarde do dia do pai, à medida que estes iam chegando à sala para um lanche convívio com os seus filhos.



Figura 7. Processo de elaboração do “Correio da Amizade”

- Livro dos Animais

Esta atividade incidu mais sobre a Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no entanto, conseguiu-se trabalhar a Área da Formação Pessoal e Social, pois o facto de as crianças terem de ajudar os amigos a encontrar sílabas contribuiu para que se conseguisse trabalhar as duas áreas em simultâneo (Anexo 6).

Esta atividade surgiu porque se estava a trabalhar as classes dos animais, para isso, este livro encontra-se dividido em cinco partes, sendo a primeira relativa aos peixes, a segunda ao mamíferos, a terceira às aves, a quarta parte diz respeito aos insetos e, por fim, a quinta parte deste livro destina-se aos répteis/anfíbios.

Inicialmente, tinha-se escrito a palavra manualmente, no entanto foi aconselhado que se escrevesse em computador. O resultado final foi, de facto, melhor e graficamente ficou mais perfeito.

Relatório Final da Prática Supervisionada



Figura 8. Fase de construção do livro dos animais



Figura 9. Fase pré-concluída do livro

5. RESULTADOS, AVALIAÇÃO E REFLEXÃO

5.1. Resultados alcançados

Realizaram-se diversas atividades com o intuito de se promover a entreaajuda entre as crianças, colocavam-se materiais em cima da mesa para partilharem e, sempre que alguma criança magoava outra, principalmente na hora do recreio, era incentivada a pedir desculpa. Caso não o fizesse iria para um sítio mais isolado para pensar no que tinha feito.

Após se terem realizado as primeiras intervenções, deu-se conta de que as crianças melhoravam nos aspetos propostos a trabalhar ao longo do ano, logicamente foi um processo demorado no qual se viram progressos. Teve de se investir em atividades, por vezes repetitivas e quando a manhã corria bem, sem incidentes, antes de se ir para o refeitório era dado um elogio ao grupo no sentido de os incentivar a continuar a adotar aquele comportamento.

Foi também elaborado pela estagiária e pela educadora, ainda no 1º período, um quadro com estrelas em que no final do dia, a educadora atribuía uma estrela às crianças que tinham cumprido as regras da sala. No fim da semana era distribuído às crianças que tinham tido “estrela” todos os dias da semana um diploma simbólico. No entanto, esta ideia não foi bem conseguida pois todas as manhãs os pais estavam ansiosos por ver se os filhos teriam ou não “estrela” e, caso não tivessem, existia uma enorme discussão entre pais e filhos. A ideia da instituição não era afastar os pais das crianças, mas sim, aproximá-los, pelo que se deixou de elaborar este quadro já no fim do 2º período.

Foi precisa insistência, repetição e coerência ao longo de todo o ano. Pois inculcar regras não é fácil, mas no fim valeu a pena o esforço. Era notória a evolução que tinham feito, o facto de pedirem desculpa sem o adulto ter de intervir, dizer bom dia quando chegavam à sala, partilharem materiais sem o adulto ter de dizer que tinham de o fazer.

5.2. Avaliação Diagnóstica e Final

No início do ano, o grupo de crianças da sala 1 do JIBPC estavam muito aquém do desejado no que respeita à partilha de materiais, respeito pelos outros, não aceitando pequenas frustrações

No segundo período, notou-se uma evolução nos aspetos acima referidos, considera-se que, de forma geral, evoluiu a nível de comportamentos, a nível da linguagem, do raciocínio, da partilha e respeito, bem como a entre ajuda, nomeadamente, nas crianças mais crescidas. Considera-se ainda que as atividades desenvolvidas ao longo de toda a prática pedagógica foram importantes para promover o espírito de partilha, daí algumas vezes, recorrer à Expressão Plástica como estratégia, recorrendo a questões no fim das histórias para promover o respeito, uma vez que teriam de esperar pela sua vez para falar.

Ao longo da prática utilizaram-se instrumentos como ficha de observação naturalista, *checklist* no fim de cada trimestre/período, reflexões para se poder avaliar o desenvolvimento do grupo. Segundo Dias (2009, p. 176) “A observação é um processo fundamental (...) fornecendo os dados empíricos necessários a posteriores análises críticas”.

5.3. Validação dos resultados (triangulação de dados)

Após um longo período de intervenção e, através das avaliações realizadas (*checklists*) deu-se conta que houve uma evolução do grupo no que diz respeito à partilha, à cooperação e ao respeito pelo outro, portanto na Área da Formação Pessoal e Social. É possível comprovar graças às *checklists* realizadas no 1º período, no fim do 2º período e a última, no fim do 3º relativamente à área de intervenção (Anexo 7).

Comparando as avaliações verifica-se um aumento das competências que estavam por adquirir e, no fim da intervenção, das que se adquiriram graças a um vasto conjunto de atividades que permitiram desenvolver as crianças nos aspetos mais negativos que apresentavam.

Relatório Final da Prática Supervisionada

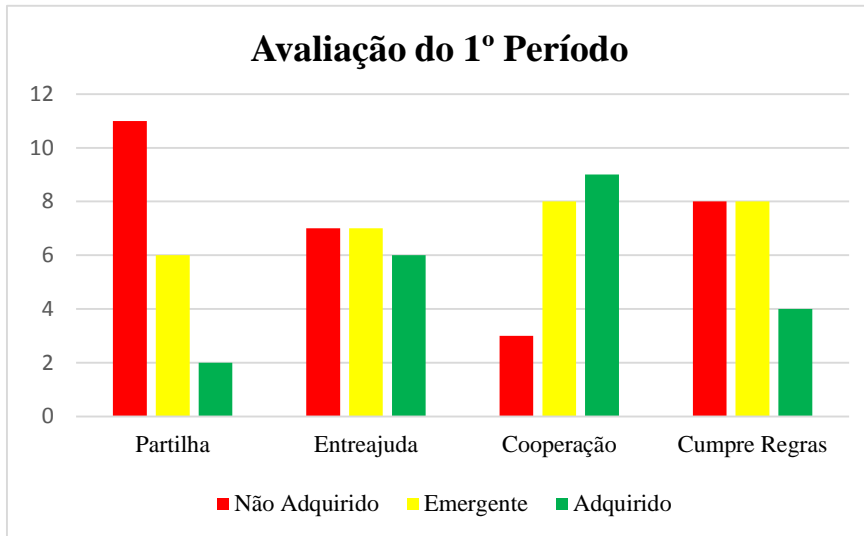


Figura 10. Análise da Checklist da Área de Intervenção da Prática Pedagógica no 1º Período

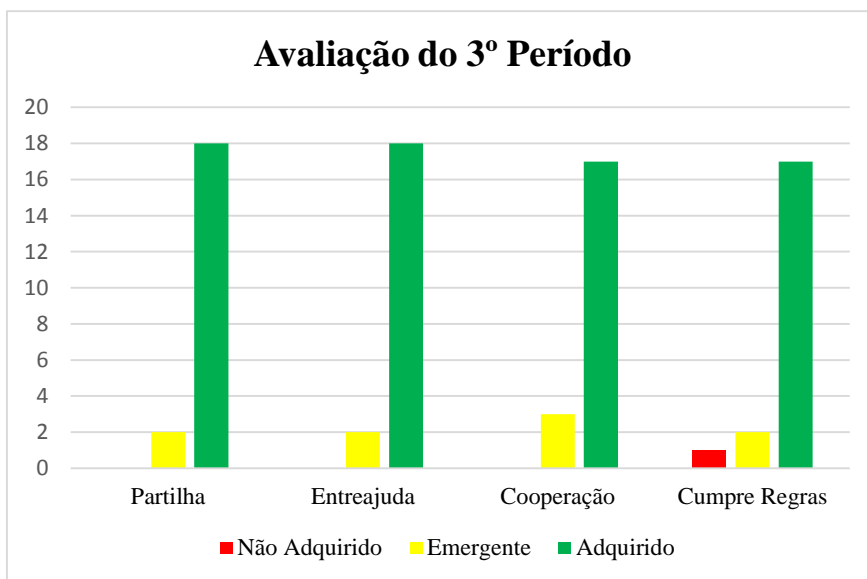


Figura 11. Análise da Checklist da Área de Intervenção da Prática Pedagógica no 3º Período

Os gráficos acima apresentados mostram claramente a evolução que houve em oito meses de intervenção, passando de vinte e nove para um caso apenas “não adquirido” na competência que respeita a “cumprir as regras”, e de vinte e oito “emergentes” para nove unicamente em todas as competências analisadas e apresentadas nos gráficos.

Com os gráficos pode ainda concluir-se que as atividades propostas foram bem-sucedidas na medida em que os resultados apresentados são positivos, tal como era desejado mesmo antes da intervenção.

5.4. Reflexão

Fazendo uma retrospectiva das atividades realizadas, pondera-se que hoje seriam planificadas de outra forma, talvez se organizasse de forma diferente o grupo em certas tarefas/atividades. Como é lógico, houve atividades que correram melhor do que outras, ou porque o grupo estava mais calmo, ou porque era um tema que despertava mais atenção ou até mesmo porque os elementos mais perturbadores do grupo estavam ausentes.

É um facto que as relações interpessoais nem sempre são fáceis, são complicadas e nem sempre foi fácil o trabalho em equipa, chegando mesmo a atingir momentos de rutura. No entanto, conseguiu-se estabelecer boas relações, tanto a nível profissional, como a nível pessoal. As assistentes operacionais foram fantásticas ao longo de todo o percurso da prática pedagógica, dando conselhos, ajudaram na preparação de materiais e mesmo durante a realização das atividades.

Houve sempre uma preocupação de envolver as famílias em atividades, uma vez que, segundo o Decreto-Lei nº 241/2001, o educador deve promover/estabelecer situações em que se “envolve as famílias e a comunidade nos projetos a desenvolver”.

No que diz respeito aos pais, as relações foram sendo estabelecidas de forma gradual. Num primeiro momento, os mesmos não apresentavam muita abertura para que se estabelecesse uma relação mais próxima.

Graças ao desenvolvimento de diversas atividades de expressões conseguiu-se com que o grupo aprendesse a partilhar, a cooperar e a entreajudar-se. Poderia ter-se optado, nas planificações por outras áreas, mas no entanto as expressões são as que mais se adequam à promoção das atitudes que se queriam desenvolver naquele grupo de crianças.

As três manhãs de estágio constituem uma ótima oportunidade no que se refere ao conhecimento do grupo, o que favorece os elos de ligação, quer com as crianças, quer com os agentes educativos.

Quanto a um futuro profissional, tem-se consciência de que se fará muitas coisas de forma diferente, nomeadamente o tempo dedicado a cada atividade, isto é, tentar não desenvolver as atividades num curto período de tempo quando se terá, decerto, tempo para fazer melhor os projetos que se irão desenvolver. Afirma-se isto porque em contexto de estágio, tinha-se o tempo muito contado e só se podia trabalhar um tema em apenas

Relatório Final da Prática Supervisionada

três dias o que, muitas vezes, não facilitava porque se queria abordar mais sobre o tema e não podia dado que na semana seguinte o tema já seria outro.

6. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente relatório final da prática de ensino supervisionada permitiu que se construíssem conhecimentos acerca da prática pedagógica desenvolvida em contexto de educação pré-escolar, tendo-se adquirido conhecimentos importantes para o futuro profissional.

Graças a um investimento no que concerne a alguns autores acerca da área de intervenção/problemática desenvolvida ao longo de toda a prática pedagógica, foi possível concluir que tudo o que se faz com as crianças é com um propósito e nada é em vão, pois as crianças aprendem rápido, contudo este trabalho fez-se de ser de forma sistemática e metódica. Logicamente, este trabalho só se consegue fazer bem feito e com sucesso quando realizado em equipa (com todos os agentes educativos da sala).

Pensa-se que houve algumas coisas/atividades que falharam, nomeadamente o tempo disponibilizado para a realização de algumas atividades era demasiado curto para o que se gostava de fazer com o grupo. Se fosse hoje, decerto que não se fariam algumas das atividades implementadas, ou então far-se-iam de forma diferente, utilizando outros materiais e recursos, como por exemplo as TIC que nunca foram trabalhadas ou a dança que apenas foi trabalhada no final do ano para a festa final.

A leitura de histórias para introduzir um tema é positivo e enriquecedor, no entanto foi aconselhado a que se façam jogos de mímica, adivinhas, lengalengas, canções, rimas com o mesmo intuito (introduzir um tema), pois cativa muito mais as crianças e acabando por fazer com que elas interajam de forma entusiasta no início do projeto. Pensa-se que também é importante haver um dia, de vez em quando, dedicado a “fazer o que apetece” no sentido de não haver atividades planeadas para que dê às crianças a possibilidade de fazerem o que realmente lhes apetece, por exemplo, fazer uma pintura abstrata em conjunto, jogos ao ar livre, brincar durante toda a manhã. Julga-se ser importantes estes momentos, uma vez que nestas idades o importante é brincar, para aprender saberes têm tempo quando ingressarem no 1º ciclo do ensino básico.

O que ainda deixa alguma curiosidade é saber se todos os conhecimentos adquiridos no pré-escolar ficaram com as crianças para o resto da vida, ou seja, será que tudo o que lhes foi transmitido a nível de regras e boa socialização os irá marcar e fazer deles bons cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DGE. (1996). *Educação para a Tolerância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dias, C. M. (2009). Olhar com olhos de ver. *Revista Portuguesa de Pedagogia*.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. O. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D., & Lino, D. (1996). *Educação Pré-Escolar - A Construção Social da Moralidade*. Lisboa: Texto Editora, Lda.
- Isaacs, D. (2003). *Virtudes Humanas - Educar e avaliar*. Lisboa: Diel - Lda.
- Marques, R. (1990). *Educação Cívica e Desenvolvimento Pessoal e Social - Objectivos, Conteúdos e Métodos*. Lisboa: Texto Editora, Lda.
- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (1997). Lisboa: Ministério da Educação.
- Padrões de Desempenho do Docente*. (2010). Lisboa: Ministério da Educação.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Weikart, D. P., & Hohmann, M. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

DECRETO- EI

Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto. Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância. (2001).

SITES CONSULTADOS

(Novembro de 2013). Junta de Freguesia de Carnide: <http://www.jf-carnide.pt/>

Boivin, M. (11 de Outubro de 2011). *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância*. Obtido de A origem das dificuldades nas relações entre pares na primeira : <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/BoivinPRTxp1.pdf>

Currículo e Programas Educação para a Cidadania. (2014). Obtido de Direção Geral da Educação: <http://dge.mec.pt/educacaocidadania/>

Educação, M. d. (2013). *Currículo e Programas Educação para a Cidadania*. Obtido de Direção Geral de Educação: <http://dge.mec.pt/educacaocidadania/>

Relatório Final da Prática Supervisionada

Folque, M. A. (6 de 12 de 2006). A Influência de Vigotsky no Modelo Curricular do Movimento da Escola Moderna para a Educação Pré-Escolar. *Escola Moderna*, 5 - 12. Obtido de http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_0_mod_pedag_mem/120_c_02_infl_vigostky_pre_afolque.pdf

Currículo e Programas Educação para a Cidadania. (2014). Obtido de Direção Geral da Educação: <http://dge.mec.pt/educacaocidadania/>